

Atlas Educacional para Tutoros de Gatos

Revisão e texto: María Luisa Palmero Colado

2^a
EDIÇÃO



Editora
MedVet
São Paulo – 2022

Sumário



01

ANATOMIA E FISILOGIA

1	Esqueleto do gato.....	1
2	Músculos do gato.....	2
3	Órgãos abdominais do gato.....	3
4	Sistema cardiorrespiratório.....	4
DIRETRIZES		
5	Condição corporal e índice de massa muscular.....	5
6	Escala de dor de acordo com a expressão facial (escala de caretas).....	6



02

PRINCIPAIS CONDIÇÕES POR SISTEMA

SISTEMA MUSCULOESQUELÉTICO

7	Osteoartrite.....	7
8	Como detectar a dor.....	8
9	Displasia de quadril.....	9
10	Luxação sacrococcígea.....	10

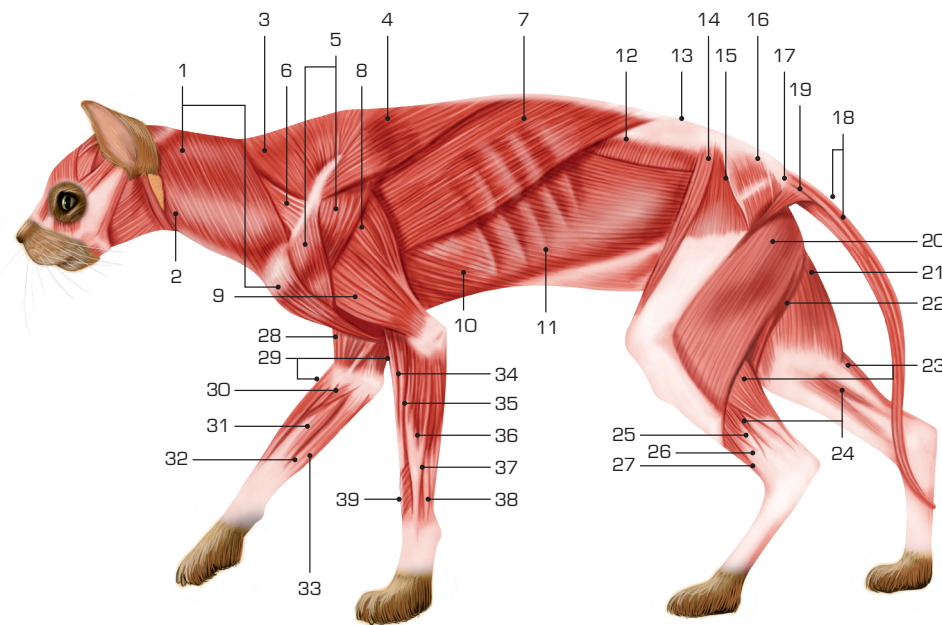
SISTEMA URINÁRIO

11	Doença renal crônica (DRC).....	11
12	Insuficiência renal aguda (IRA).....	12
13	Pielonefrite.....	13
14	Intoxicação por Lírio.....	14
15	Hipertensão sistêmica (HS).....	15
16	Obstrução ureteral.....	16
17	Técnicas para resolução de obstrução ureteral.....	17
18	Doença renal policística (DRP).....	18
19	Doença do trato urinário inferior felino (DTUIF).....	19
20	Ureostomia perineal.....	20

SISTEMA REPRODUTOR

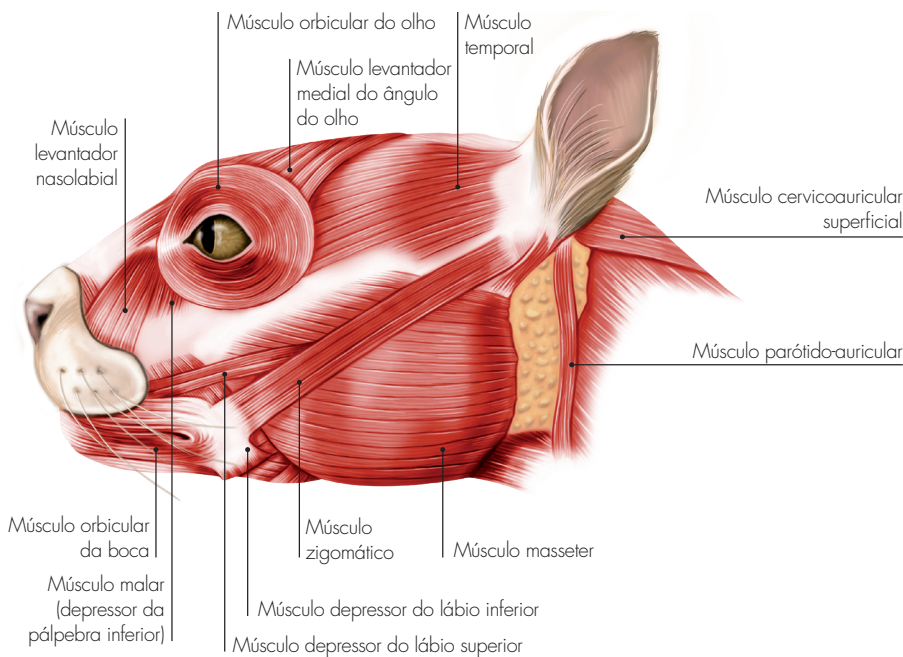
21	O ciclo estral da gata.....	21
22	Castração.....	22
23	Piometra.....	23
24	Síndrome do ovário remanescente.....	24
25	Tumores de mama.....	25

2 Músculos do gato



1. Músculo braquiocefálico (cleidocephalicus e cleidobraquial)
2. Músculo esternocéfálico
3. Músculo trapézio (parte cervical)
4. Músculo trapézio (parte torácica)
5. Músculo deltoide
6. Músculo omotransverso
7. Músculo grande dorsal
8. Músculo tríceps braquial (cabeça longa)
9. Músculo tríceps braquial (cabeça lateral)
10. Músculo peitoral profundo
11. Músculo oblíquo externo abdominal
12. Músculo oblíquo interno abdominal
13. Fáscia toracolombar
14. Músculo sartório
15. Músculo tensor da fáscia lata
16. Músculo glúteo médio
17. Músculo glúteo superficial
18. Músculos sacrocaudais
19. Músculos caudofemorais
20. Músculo bíceps femoral
21. Músculo semimembranoso
22. Músculo semitendinoso
23. Músculo gastrocnêmio
24. Músculo flexor digital profundo
25. Músculo extensor digital lateral
26. Músculo fibular longo
27. Músculo tibial cranial
28. Músculo bíceps braquial
29. Músculo braquiorradial
30. Músculo pronador redondo
31. Músculo extensor radial do carpo
32. Músculo flexor radial do carpo
33. Músculo flexor digital superficial
34. Músculo extensor radial do carpo
35. Músculo extensor comum dos dedos
36. Músculo extensor lateral dos dedos
37. Músculo extensor ulnar do carpo
38. Músculo flexor ulnar do carpo
39. Músculo abductor digital

Músculos da face

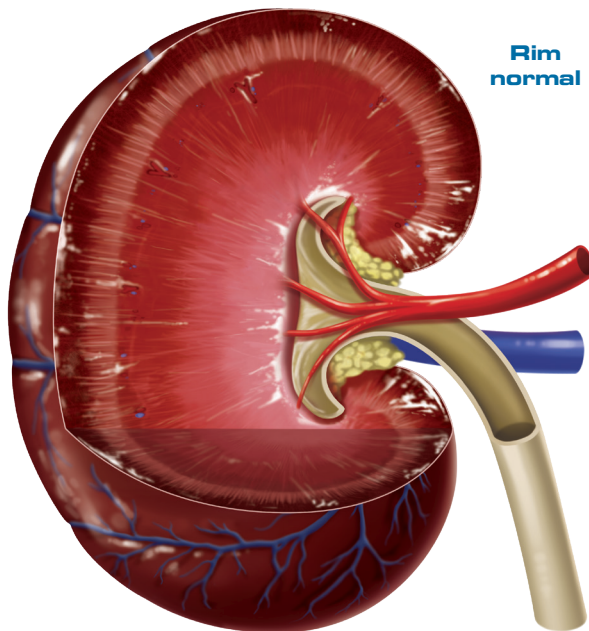




SISTEMA URINÁRIO

13 Pielonefrite

A pielonefrite é uma causa comum de doença renal aguda e exacerbação da doença renal crônica. A infecção bacteriana atinge o rim ascendendo da bexiga ou através da corrente sanguínea.

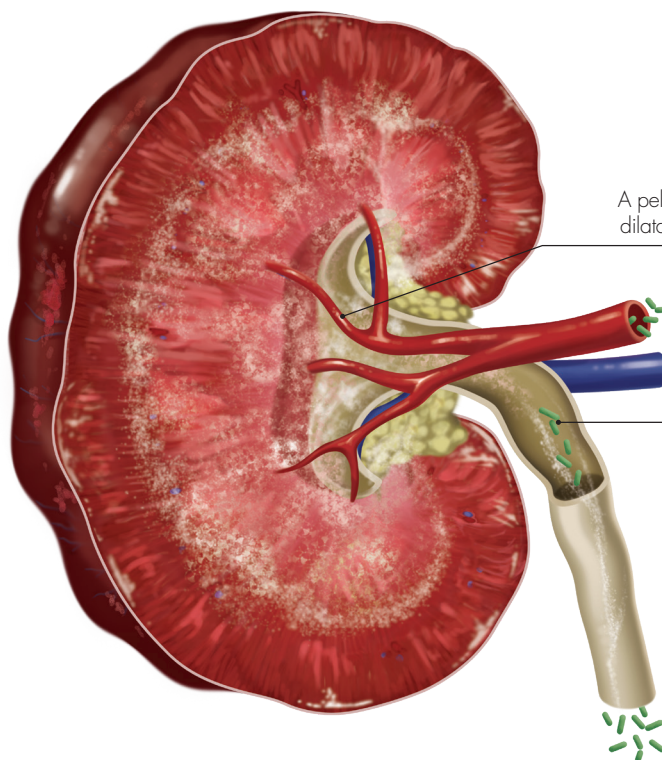


Sinais clínicos

- Depressão aguda.
- Dor nos rins (pode ser difícil de detectar).
- Sinais do trato urinário inferior (micção inadequada e disúria): podem estar presentes se houver cistite bacteriana associada.
- Febre (raro).

Diagnóstico

- Cultura de urina.
- Punção da pelve renal guiada por ultrassom e cultura quando possível.



A pelve e às vezes o ureter proximal estão dilatados devido ao processo inflamatório

Pelo sangue

Pela bexiga

Existem duas vias de infecção



Tratamento

Requer tratamento de suporte (analgesia, fluidoterapia) juntamente com antibioticoterapia por 14 dias.

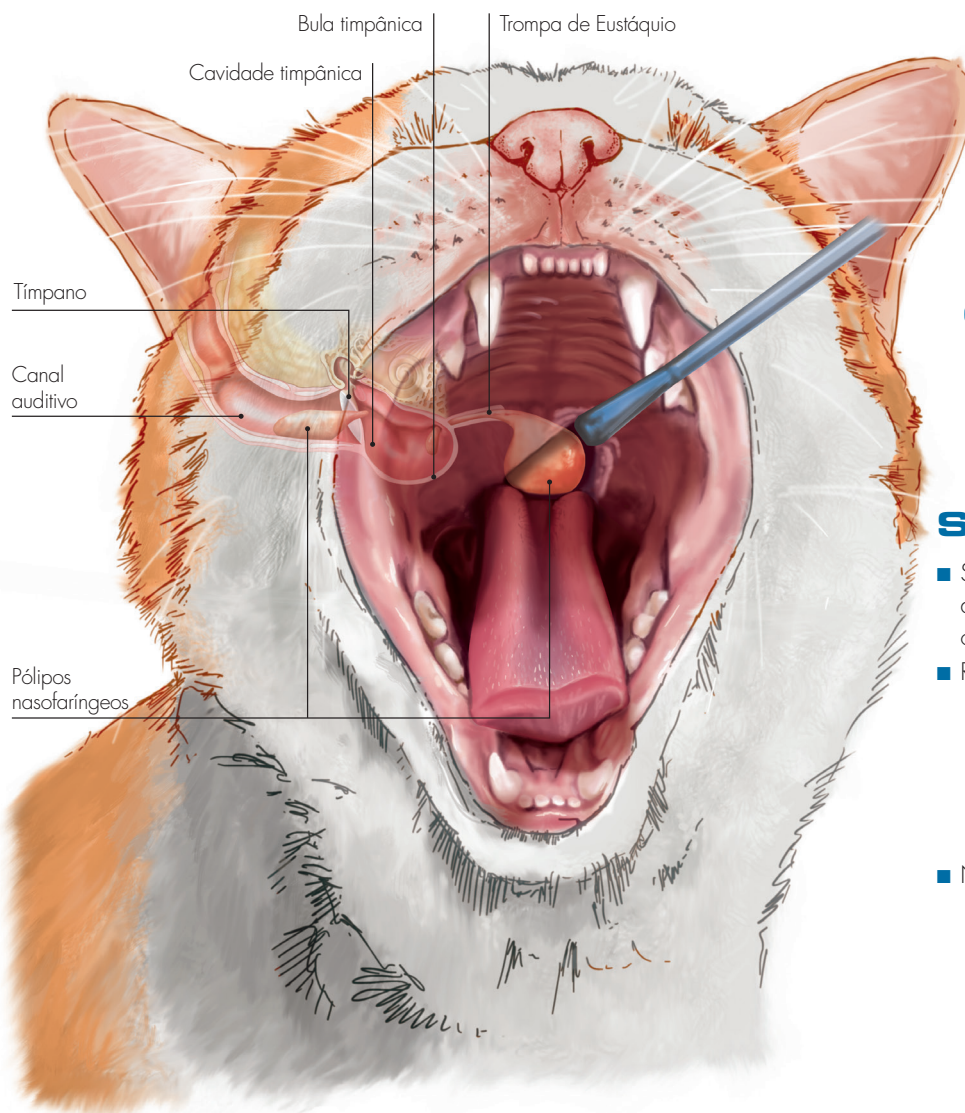


SISTEMA CARDIORRESPIRATÓRIO

27 Pólipos nasofaríngeos

São massas benignas que podem ocorrer em qualquer idade, embora sua frequência seja maior em gatos jovens. Originam-se no epitélio da bula timpânica ou na trompa de Eustáquio: são conhecidos como pólipos aurais se crescerem no canal auditivo e pólipos nasofaríngeos se crescerem na nasofaringe. Neste caso, as bulas timpânicas são afetadas por tecido inflamatório produzido pela obstrução da tuba auditiva, e não pelo crescimento do pólipo.

○ crescimento em direção à nasofaringe e em direção ao ouvido é pouco comum.



Eles são secundários a processos inflamatórios ou infecciosos do trato respiratório ou ouvido médio.

Sinais clínicos

- São crônicos e progressivos e acometem as vias aéreas ou o ouvido interno.
- Respiratório:
 - Rinite e sinusite com secreção nasal crônica e espirros.
 - Disfagia, cianose e síncope em caso de obstrução das vias aéreas.
- No ouvido interno:
 - Otite externa, média ou interna, dependendo de sua extensão, com presença de secreção no ouvido, inclinação da cabeça, nistagmo, ataxia vestibular e síndrome de Horner.

Diagnóstico

- Radiografia da nasofaringe.
- Avaliação de bulas timpânicas por tomografia computadorizada (TC).



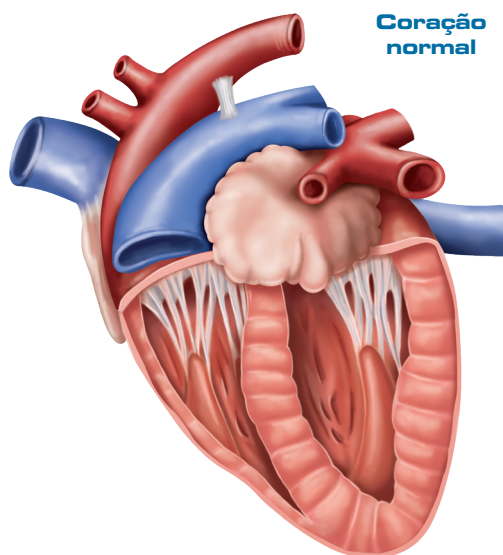
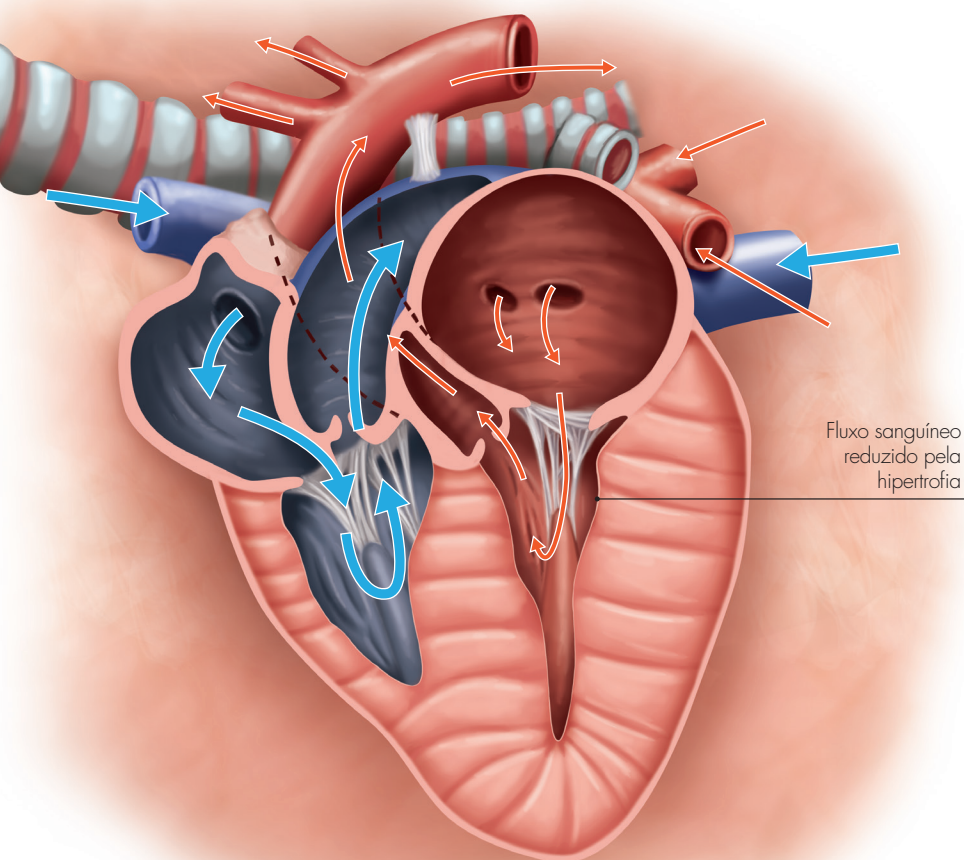
Tratamento

- Pólipos nasofaríngeos: a cirurgia por tração/avulsão do pólipo da nasofaringe apresenta bons resultados.
- Pólipos auditivos: requerem osteotomia ventral da bula.

SISTEMA CARDIORRESPIRATÓRIO

28 **Cardiomiopatia hipertrófica**

A cardiomiopatia é mais frequente em gatos. Pode ser primária ou secundária ao hipertireoidismo, hipertensão, obstrução na via de saída, acromegalia ou neoplasia miocárdica, sendo que estas condições devem ser descartadas. Pode não haver sinais clínicos até que esteja muito avançado, por isso o diagnóstico precoce por meio da ecocardiografia é essencial.

**Coração normal****Coração hipertrófico**

Fluxo sanguíneo reduzido pela hipertrofia



Acomete quase todas as raças, embora haja uma predisposição genética no Maine Coon, Ragdoll, Norueguês da floresta e pelo curto inglês.



O ventrículo esquerdo não pode ser preenchido adequadamente devido à hipertrofia de sua parede (disfunção diastólica).

**Tratamento clínico**

Cada estágio requer um tipo diferente de tratamento e atualmente nenhum tratamento específico é recomendado em estágios muito iniciais.

Sinais clínicos

- Sopro (aproximadamente 60% dos gatos com cardiomiopatia).
- Ritmo galopante.
- Paralisia dos membros causada por tromboembolismo aórtico (7% dos gatos).
- Desconforto respiratório agudo devido a edema pulmonar e/ou efusão pleural.

PELE E ANEXOS

44 Hipersensibilidade felina

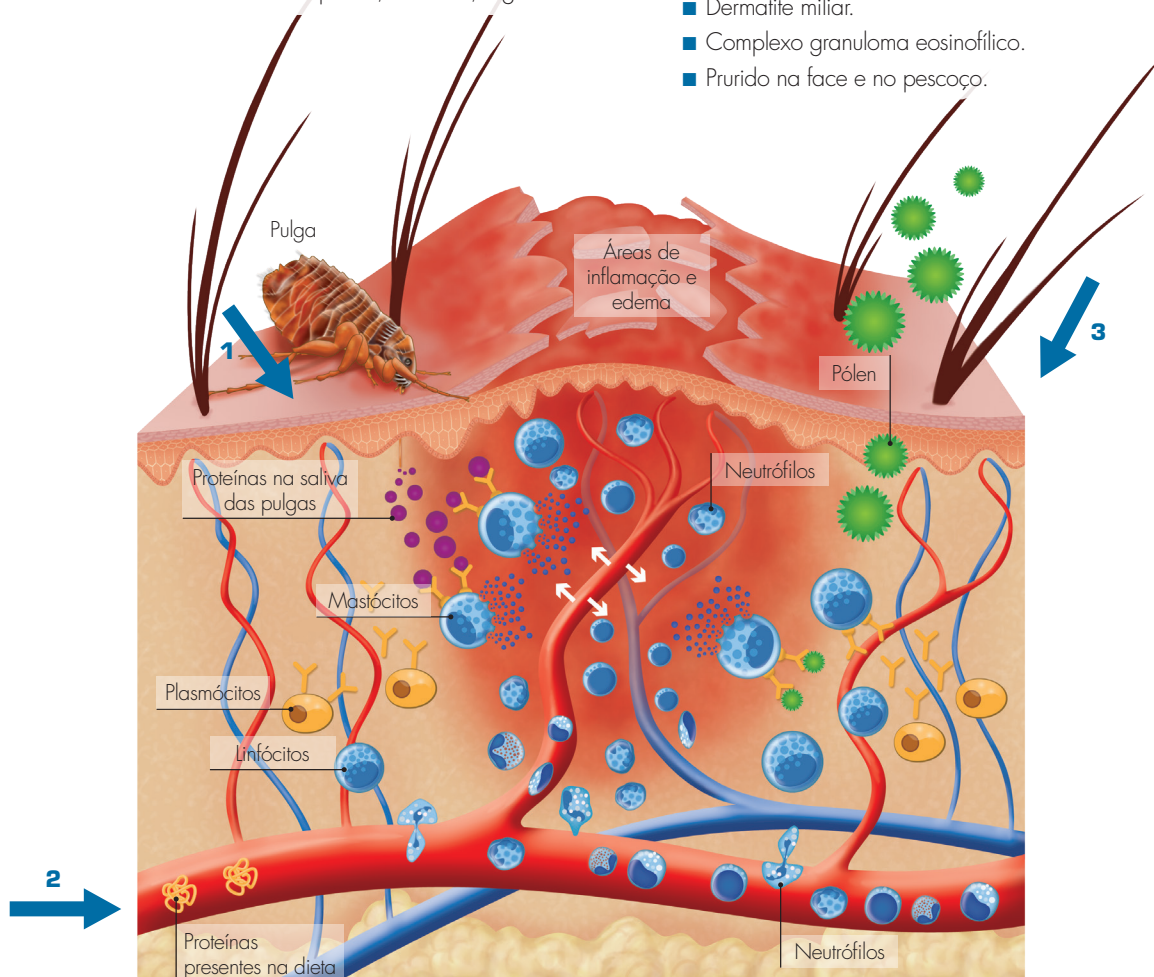
Alergias

A hipersensibilidade é uma resposta imune excessiva e inadequada a alérgenos geralmente inofensivos. Ocasionalmente causa distúrbios da pele e, às vezes, digestivos.

Sinais clínicos

Coceira associada a um ou vários padrões de reação:

- Alopecia simétrica.
- Dermatite miliar.
- Complexo granuloma eosinofílico.
- Prurido na face e no pescoço.



1

Hipersensibilidade à picada de pulga

- As pulgas liberam substâncias que causam reações inflamatórias no local da picada.
- É a primeira causa de hipersensibilidade a ser descartada.
- Tratamento: aduicidas em conjunto com produtos para controle de larvas e ovos no ambiente.

2

Reação adversa a alimentos

- Gatos entre 3 meses e 12 anos de idade.
- Sinais clínicos cutâneos e/ou digestivos. Menos frequentes: eritema interdigital, acne, pododermatite, conjuntivite e angioedema.
- Alérgenos: peixe, laticínios, carne bovina, frango, cordeiro, glúten, aditivos, milho e arroz.
- Tratamento: dieta, excluindo os alimentos aos quais o gato é alérgico.

3

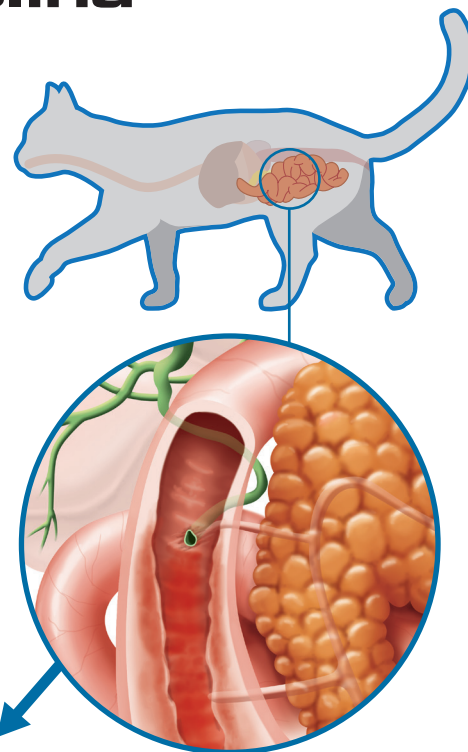
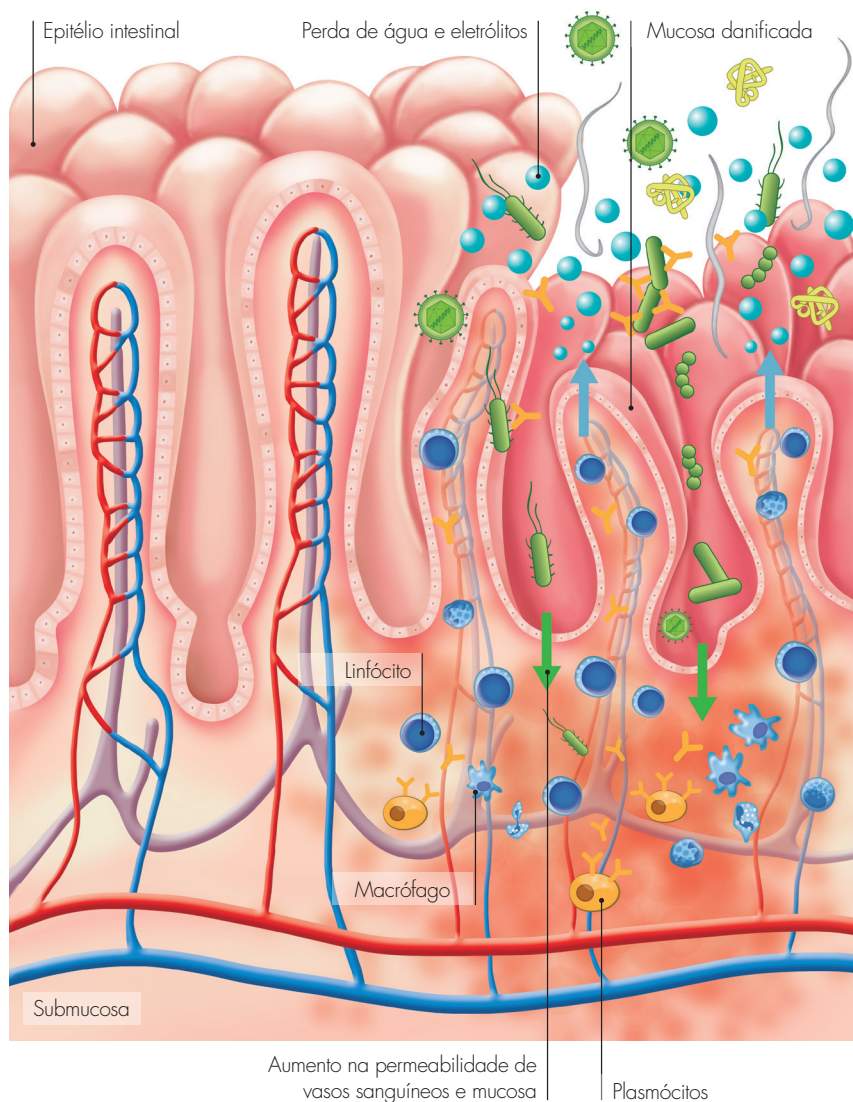
Dermatite atópica

- Gatos entre 6 meses e 3 anos de idade.
- Otite, pododermatite e alterações seboreicas podem ser observadas juntamente com prurido e os padrões de reação mencionados anteriormente.
- Alérgenos: ácaros e pólen.
- Tratamento: imunoterapia com vacinas de hipossensibilização (70-80% de eficácia).

SISTEMA DIGESTIVO

58 Doença inflamatória gastrointestinal felina

Grupo de distúrbios gastrointestinais caracterizados por inflamação da mucosa digestiva. Origem multifatorial: alterações genéticas e imunológicas e alterações da flora bacteriana digestiva.



Sinais clínicos

- Sinais gastrointestinais crônicos (mais de 3 semanas) com gravidade variável (períodos de melhoria e períodos de recidiva): vômitos, diarreia, anorexia, perda de peso, perturbações do apetite.
- Sem resposta a modificações na dieta ou tratamentos sintomáticos.



É a doença mais frequentemente diagnosticada em gatos apresentando vômito e/ou diarreia crônica.

Diagnóstico

- Descartar outras causas de inflamação intestinal: parasitas, endocrinopatias, reação adversa a alimentos, etc.
- Biópsia do estômago, duodeno, jejuno e íleo por endoscopia ou cirurgia (laparoscopia ou laparotomia).



Tratamento clínico

- Corticosteroides.
- Metronidazol.
- Terapia com células-tronco mesenquimais.



Tratamento dietético

Dieta hipoalergênica (nova ou hidrolisada).

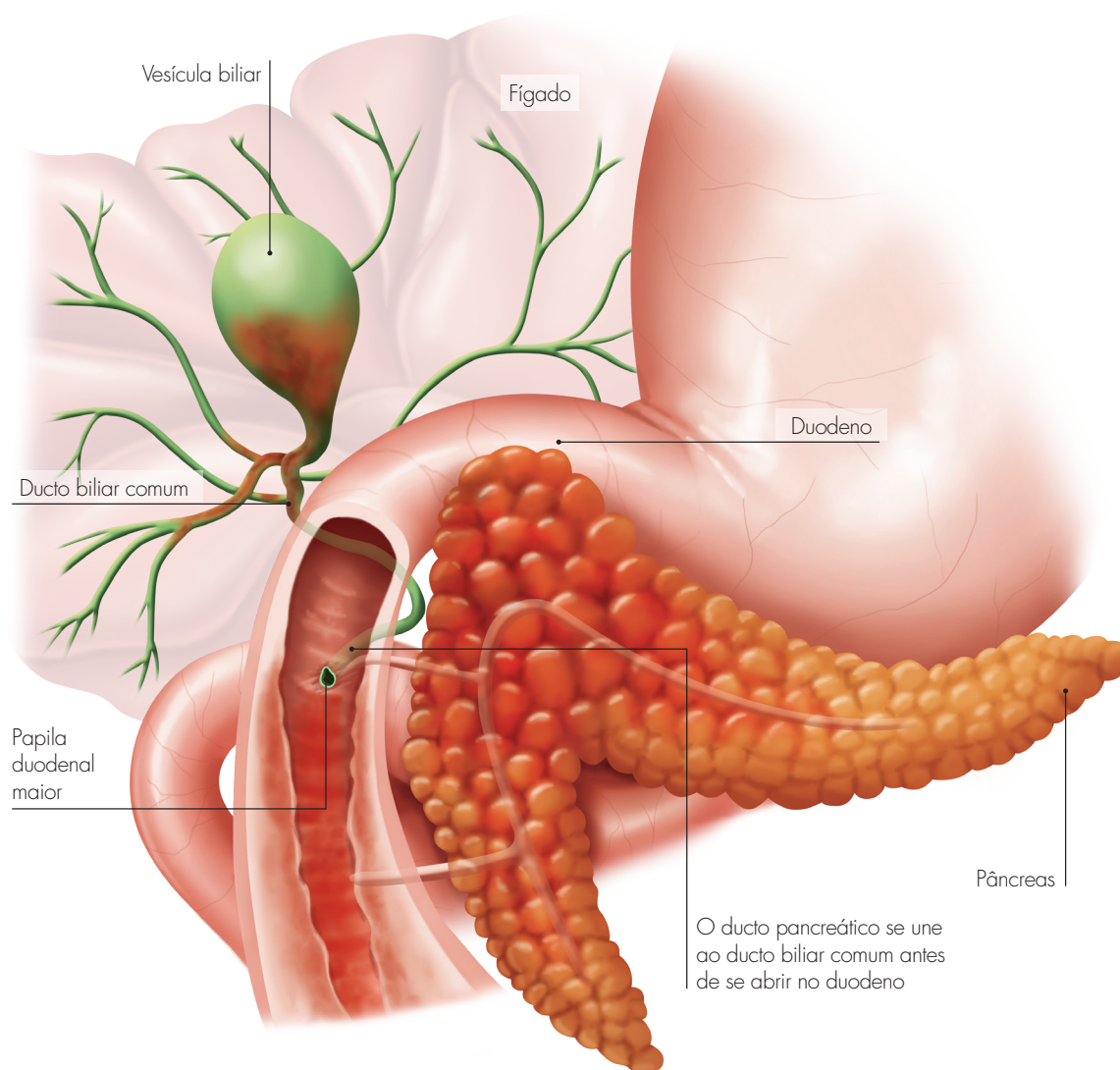
SISTEMA DIGESTIVO

62 Pancreatite e triadite

Triadite é a concomitância de pancreatite, processo inflamatório intestinal e colangite. Isso ocorre porque, em gatos, o ducto pancreático se une ao ducto biliar comum antes de desembocar no duodeno.



Esta condição é causada pelo refluxo de bactéria do duodeno, através do ducto biliar comum, para o pâncreas e fígado. Em alguns casos, a translocação bacteriana é a causa.



O ducto pancreático se une ao ducto biliar comum antes de se abrir no duodeno

Causas de pancreatite

- Fármacos e substâncias tóxicas (organofosforados).
- Agentes infecciosos: *Toxoplasma gondii*, calicivírus hipervirulento, vírus PIF, vírus da panleucopenia, herpesvírus.
- Traumas.
- Hipotensão.
- Obstrução por neoplasia.
- Refluxo duodenal causado por refluxo inflamatório intestinal.
- Refluxo biliar causado por colangite.

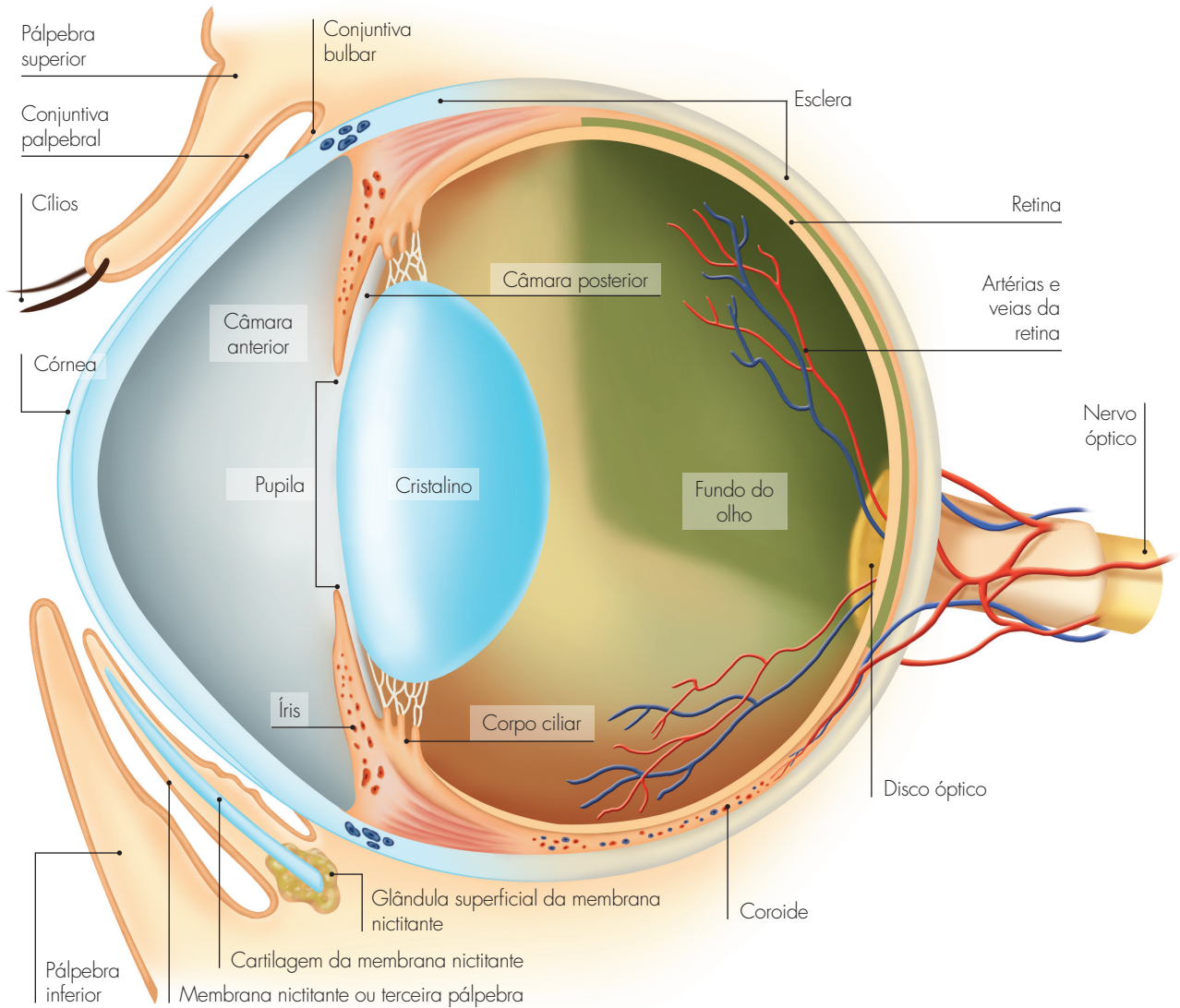
Sinais clínicos

- Muito variável.
- Depressão, vômitos crônicos e perda de peso são os sinais mais frequentes.
- Outros: diarreia, desidratação, icterícia e, em casos graves, dispneia, dor abdominal e choque.

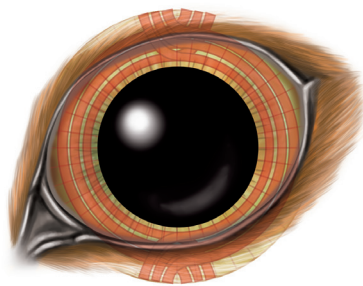


OLHOS

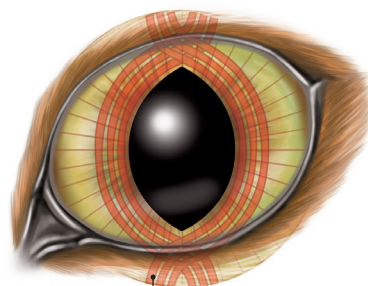
67 Estruturas do olho



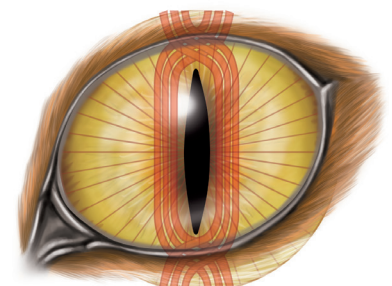
Mecanismo do reflexo pupilar



Pupila completamente dilatada



Fibras musculares constritoras



A pupila reage à luz com reflexos pupilares diretos e consensuais



69 Toxoplasmose

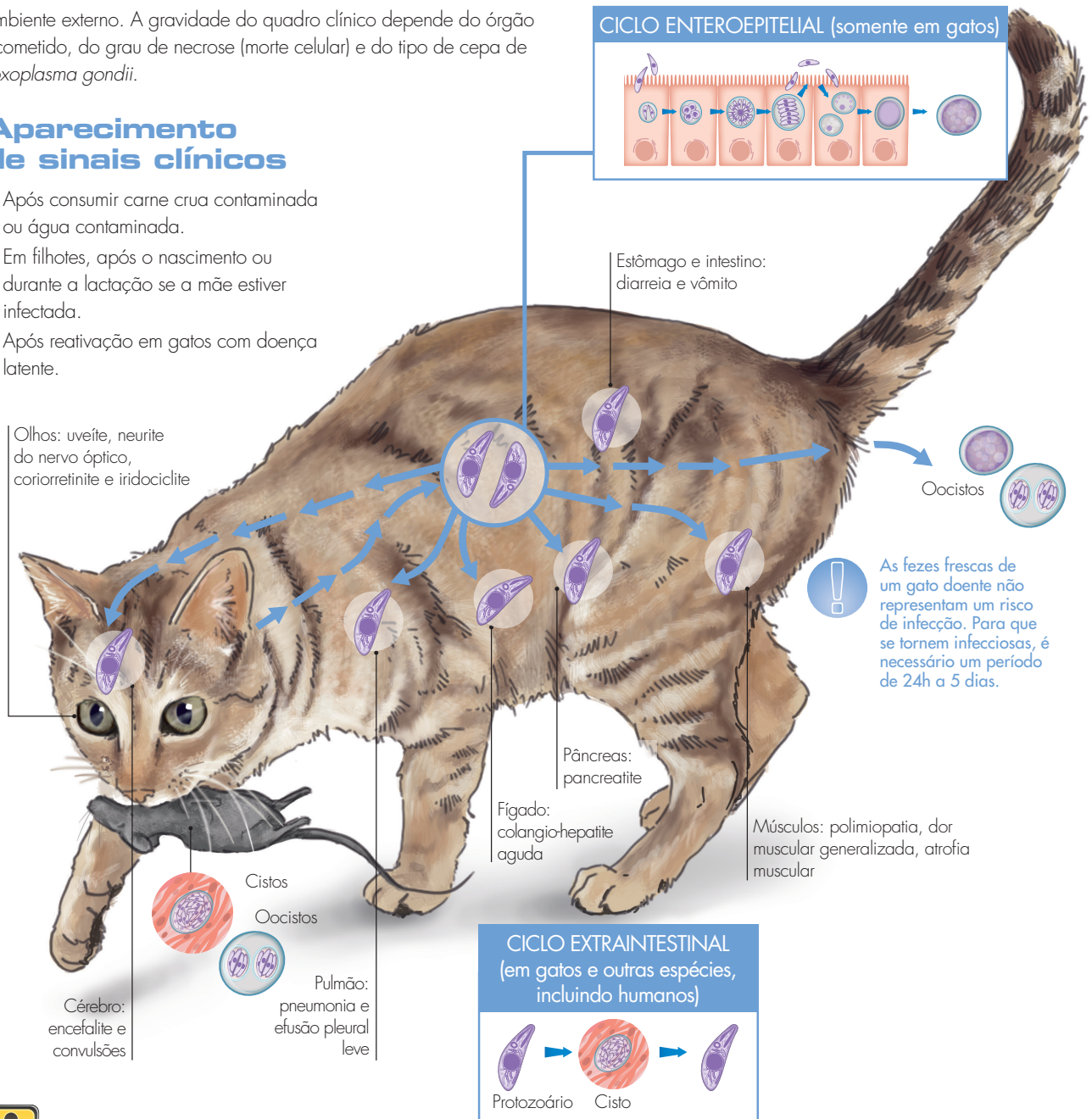
Doença causada pelo protozoário *Toxoplasma gondii*. Nos gatos (hospedeiros definitivos), o parasita passa por um ciclo enteroepitelial. Os oocistos são liberados nas fezes e se tornam infectantes no ambiente externo. A gravidade do quadro clínico depende do órgão acometido, do grau de necrose (morte celular) e do tipo de cepa de *Toxoplasma gondii*.

Aparecimento de sinais clínicos

- Após consumir carne crua contaminada ou água contaminada.
- Em filhotes, após o nascimento ou durante a lactação se a mãe estiver infectada.
- Após reativação em gatos com doença latente.



Doença transmissível aos humanos (zoonose)



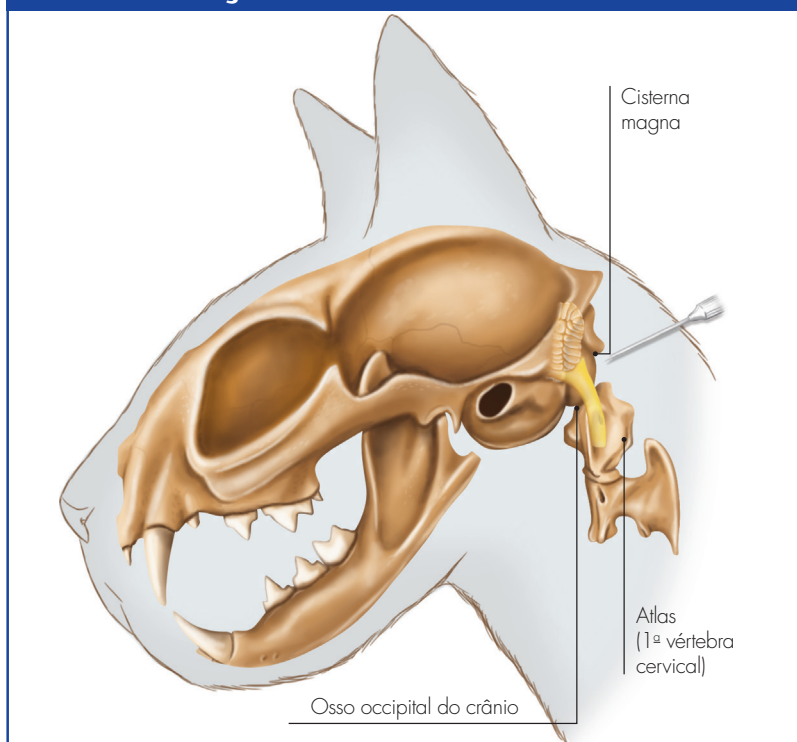
Recomendações

Para evitar infecção, mulheres grávidas e outras pessoas devem:

- Comer carne cozida em altas temperaturas.
- Comer carne mal passada apenas se tiver sido congelada por 2 dias.
- Lavar as mãos depois de fazer jardinagem ou cozinhar.
- Não beber água não tratada.
- Limpar as caixas de areia do gato diariamente, usando uma pá e lavando as mãos depois.

82 Coleta de líquido cefalorraquidiano (LCR)

Punção atlanto-occipital

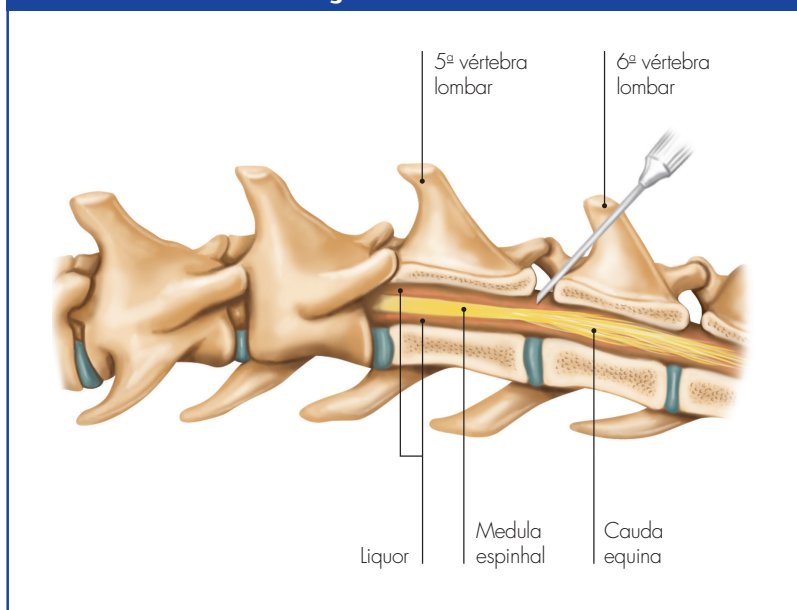


O LCR é um líquido incolor que está distribuído ao redor do cérebro e da medula óssea. Algumas vezes, sua análise é necessária para se conseguir um diagnóstico preciso da doença: processos neurológicos do sistema nervoso central, infecções bacterianas ou doenças infecciosas.

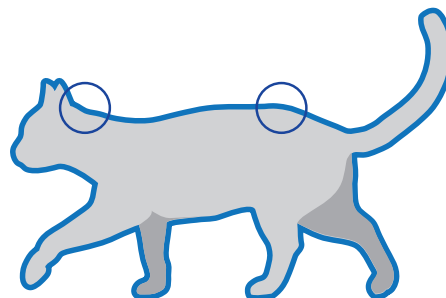
Técnicas para coleta do LCR

- O gato deverá ser anestesiado, uma vez que ele deve estar completamente imóvel durante o procedimento.
- O LCR pode ser coletado por meio de uma punção atlanto-occipital ou lombar (entre L5-L6 e L6-L7).

Punção lombar



A análise e cultura do LCR determina sua composição celular, características bioquímicas e a possível presença de agentes infecciosos.





85 Manejo neonatal

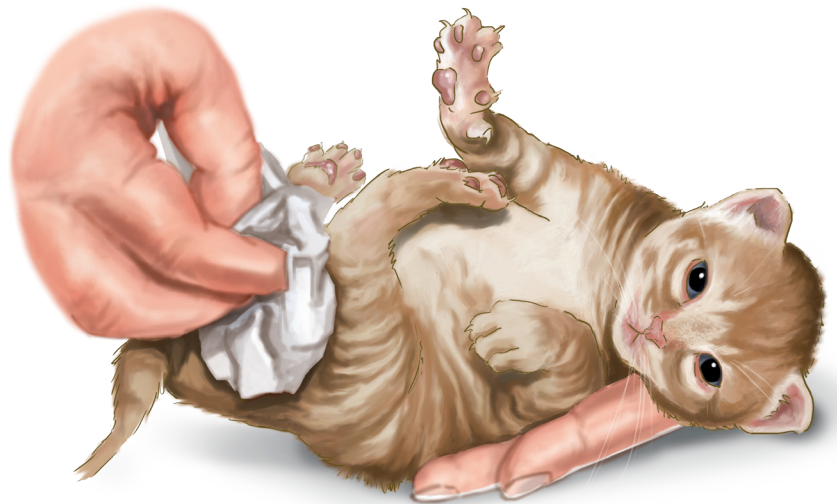
Após o nascimento, o melhor a fazer é deixar a mãe cuidar de sua ninhada. Se ela não tiver instinto maternal, devemos intervir imediatamente: desobstruir as vias aéreas e secar ativamente os filhotes para estimular a respiração. Após 24 horas, os gatinhos podem ser segurados com cuidado para ver o sexo e garantir que estejam em boas condições de saúde. Devem ficar em casa em um local sossegado e com temperatura adequada, com as suas tigelas de comida e água perto do ninho.



A posição do filhote ao ingerir o leite deve ser aquela adotada naturalmente quando ele está mamando na mãe, ou seja, deitado sob a barriga com a cabeça esticada. O filhote deve ser capaz de colocar as patas dianteiras no bico da mamadeira ou nas mãos do cuidador. A mamadeira deve ser lavada após cada utilização e esterilizada pelo menos uma vez por dia.



Durante as primeiras 3 a 4 semanas de vida, uma massagem suave deve ser realizada na região perianal com um algodão umedecido em água morna para estimular a micção e a defecação.



Cuidados com gatinhos órfãos

- Temperatura ambiente quente e constante (uso de lâmpadas, bolsas de água quente, cobertores, etc.):
 - 1ª semana: 30-32°C.
 - 2ª semana: 26-29°C.
 - A partir da 3ª semana: 21-24°C.
- Local limpo, confortável, sem correntes de ar (por exemplo, caixa com altura mínima de 15 cm, com toalha ou cobertor).
- Alimentação: fórmula especial para gatinhos, quente (35-38°C), administrada a cada 2-3 horas durante as primeiras semanas de vida por meio de mamadeiras ou seringas especiais (acopladas a um bico para evitar que aspirem o leite).